

PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO _
Museu Municipal de Arte Moderna Abel
Manta de Gouveia e
Casa Vergílio Ferreira – Para Sempre

COORDENAÇÃO GERAL _
Margarida Noutel, Catarina Santos

CURADORIA _ Daniel Melo,
Pedro Piedade Marques

TEXTOS _ Daniel Melo

DESIGN GRÁFICO _
Pedro Piedade Marques

MONTAGEM _ Daniel Melo,
Rita Melo, Pedro Piedade Marques

EQUIPA TÉCNICA _ António Saraiva,
Georgieva Vili, Joaquim Tenreiro, Marco
Amaral, Marisa Valente,
Paulo Rebelo

AGRADECIMENTOS _ Adelino Gomes,
Ana Rosenheim, António Melo, Biblioteca
Municipal Eugénio de Andrade (Fundão),
Biblioteca Nacional de Portugal, Ção
Salvado, Casa Vergílio Ferreira – Para
Sempre, Cláudia Freire, Dina Matos, Eduardo
Costa Dias, Fernando Pereira Marques,
Ferreira Fernandes, Fundação Mário Soares
e Maria Barroso, Helder Costa, Helder
Mendes, IAN-TT, Isabel do Carmo, João
Alpuim Botelho, João Barroca, Jorge Silva,
Jornal do Fundão, José Antunes Ribeiro,
Manuela Goucha Gomes, Maria Eugénia
Ferrão, Museu Bordalo Pinheiro, Nuno
Pacheco, Osvaldo de Sousa, Pedro de
Noronha Goucha Gomes, Ricardo Paulouro,
Rita Melo, Rui Beja Santos, Rui Cardoso
Martins, Rui Simões e Vítor Ribeiro

Vasco à la minute

Daniel Melo

Vasco nasceu em Ferreira do Zêzere, em 1934, mas foi moldado em forja transmontana e literata, na Vila Real dos anos 1930-50. O seu nome completo, Agostinho Vasco da Rocha e Castro, era já um tributo ao bisavô Agostinho da Rocha e Castro (jornalista amigo de Guerra Junqueiro) e ao avô Vasco da Rocha e Castro, que integrou o grupo coimbrão Boémia Nova (com António Nobre, Agostinho de Campos, Alberto de Oliveira e António de Mello). Do tio-avô João da Rocha e Castro, advogado maçom, herdou o gosto pela leitura sôfrega, e de seu pai, Afonso da Rocha e Castro, o gosto pela dimensão poética da vida. ● Desde cedo ligou a sua vida aos jornais, primeiro como autor de jornais-folhetim na escola, depois como correspondente do *Mundo Desportivo*, aos 15 anos. Tem então o seu baptismo de fogo no desenho satírico, uma série de caricaturas de docentes durante a cerimónia do Dia da Raça, logo premiada com uma suspensão de 8 dias e a reprovação no 7.º ano por excesso de faltas. Doravante não mais largará o *cartoon* e a imprensa. ● Na sua jornada pela capital, nos anos 1950, assume a vocação de activista cultural: Enquanto director cultural da Associação Académica de Lisboa, organiza palestras, mostras de jovens artistas (como Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte, Escada e João Vieira) e cofunda o grupo cénico Jograis de Hoje, de que também será actor. Em segundo plano ficará o curso de Direito. Para sobreviver faz biscates na rádio, tv e *cartoon* nos periódicos *Riso Mundial*, *Picapau* (página própria em 1956, assinando enquanto Vasco ou Agostinho), *Cara Alegre*, *Parada da Paródia*, *Diário de Lisboa*, *República* e *Diário Ilustrado*. O seu traço inspira-se inicialmente em Saul Steinberg. Muda de estilo volvidos alguns anos, seguindo uma nova geração de desenhadores franceses acutilantes: Bosc, Chaval e, sobretudo, Siné. A todos acede através da revista *Paris-Match*. Abraça também a pintura, frequenta a tertúlia surrealista do Café Gelo, ao Rossio (com Cesariny, Gonçalo Duarte, Escada, Virgílio Martinho, Ernesto Sampaio e António José Fortes) e cria manifestos artísticos (como «o verdadeiro sentido», em 1958). Colabora ainda no suplemento cultural de *A Planície* e na revista *Coordenada – Cadernos de Convívio*. ● Deserta em 1960, pouco antes da Guerra Colonial eclodir, e exila-se em Paris em 1961. Aí faz biscates vários até debutar na imprensa enquanto

“Ora na caricatura
exerce-se, por definição e
plenamente, a estética do
retrato como sismógrafo
de todos os terremotos
modernos, caricaturas
estas cuja identidade foi
sempre ultrapassando o
campo da sátira, e dos seus
suportes literários, para
se estabelecer também
no centro da operação
estética.” *Vasco de Castro*



«Tinho», no *L'Humanité* comunista e no *France-Observateur*. Passa a assinar Vasco em 1964/5, acompanhando o “corte estilístico” pró-novo realismo, segundo modelos fotográficos e inspirado no «Pop francês», em Wharol, Arroyo e Rauschenberg, como realça Osvaldo de Sousa. Tinha já a intuição de que o desenho satírico seguia sempre a pintura, “os novos valores plásticos”, retornando à pintura, mas efemeramente, por considerá-la demasiado absorvente. Compreensível, para alguém que se desdobrava ainda enquanto activista político, promotor cultural e actor de cinema (entre 1968 e os anos 1970). ● Na sua concepção de vida e do mundo confluem activismo político e artístico, mediante afinidades cruzadas: exílio antiditatorial, solidariedade emigrante e internacionalista, revolucionarismo esquerdista, utopia libertária e arte interventiva. Tal múnus espalha-se por inúmeros actos político-cívico-culturais, que vão da União dos Estudantes Portugueses em França (que co-funda em 1961) ao mergulho de cabeça no Maio de 68 parisiense, via Comité de Liaison Ouvriers Étudiants Portugais, com posterior passagem pela RFA e envolvimento em organizações esquerdistas de exilados, como o Núcleos “O Comunista” (1968-72). Enquanto *cartoonista*, tem uma actividade mais intensa no pós-Maio de 1968: lança a *IX* (1969), tida como 1.ª publicação «underground» francesa, de meros 8 meses devido a censura da presidência de Pompidou, cofunda o Prix du Dessin Abject (atribuído a Tim, *cartoonista* no *L'Express*) e investe no *cartoon* anti-Franco, com uma tal ferocidade que suscitaria represálias sobre antifranquistas do grupo que o publicara, o Ruedo Ibérico, apoiado pelo livreiro-editor François Maspéro. Mantém então o estilo «Pop», mas com aproximação à escola anglo-saxónica. ● Na vertente mais artística, cria ainda duas editoras: a Éditions Trait Tiré (1969-73), para promoção de portefólios de *cartoons* seus de vultos da cultura (Artaud, Sartre, Céline, Vailland, Beckett e Jimmy Hendrix) e de amigos (Barbe e Kerleroux, também previstos de Philippe e Soulas), primeiramente divulgados na Galérie 3 (St. Germain des Prés, Paris); e a Éditions le champ du possible (de 1973, para edição política e de escritores e artistas revolucionários). ● O 25 de Abril de 1974 é para si um chamamento, ele que tinha passaporte falso e ordem de expulsão desde 1964. A 30 de Abril regressa a Lisboa, após 13 anos de exílio. Um renovado empenho pessoal é logo acompanhado por fulgurante ardor revolucionário. Nessa fase regressa ao *Sempre Fixe* (2.ª série), ao *República* e ao *Diário de Lisboa*, e envolve-se no *página um* (1976-78), de que será chefe de redacção. Retoma a vertente de dinamizador, organizando a exposição «8 desenhadores satíricos de Paris» (galeria Opinião,

14-30/8/1974), que o mostra a si e alguns dos seus amigos e nomes cimeiros franceses, como Siné, que também mergulha na revolução portuguesa. No final de 1974, lança o álbum *Desenhos políticos*, engajado enquanto cronista da revolução, de par com outro grande cartoonista, João Abel Manta. Segue-se a ressaca e o regresso à ânsia utópica e ao apuro artístico. ● Em 4/1978, para romper com a sensação de sitiado no próprio país, expõe de novo na galeria Opinião e lança o álbum respectivo, *Situações, faces & formas. Desenhos 1965-1978*, em jeito de balanço duma fase mais esteticamente e politicamente engajada. O álbum foi então publicado pela Cultarte Editora, chancela da Ulmeiro (terá 2.ª ed. pela Ulmeiro nos anos 90). Esse ano de 1978 assinala uma nova reformulação estética, agora pró-linha anglo-saxónica, de expressionismo gráfico (via Ralph Steadman), que depois desenvolverá em mostras e catálogos sobre Pessoa (1981-85) e políticos amigos de Mário Soares (1984), mas também em cartazes e na pintura, nesta influenciado também por Bacon. Complementa com uma reflexão de cumplicidade utópica e exigência lúcida, via escrita em crónica: no *página um*, em *Montparnasse, mon village* (1985), livro de crónicas originalmente publicadas pelo *Diário de Notícias* (e actualizado em 2008) e *Foto/maton* (1986), livro de crónicas originalmente saídas na revista *Mais*. Publica também um livro dedicado a *Leal da Câmara* (2006), por considerá-lo mestre da caricatura lusa (ao lado de Rafael Bordalo Pinheiro e Celso Herminio). ● Em 1983, opta pelo exílio interno em Fontanelas, por desejo de recolhimento e sentimento de incompreensão artística. Em 1984, retoma a via da caricatura política, fazendo uma série dedicada aos amigos de Mário Soares, para o livro *Soares, Portugal e a liberdade*, da Moraes. Porém, nesta década e seguintes

ocorre também um regresso à reflexão gráfica em torno de figuras gradas das artes & letras, recuperando uma das vias temáticas iniciadas em Paris. Só que em vez de se centrar em personalidades do espaço cultural internacional focar-se-á agora no património luso. Entre os vultos predilectos constarão Camões, Bocage, Herculano, Antero, Camilo, Eça, Leal da Câmara (o 1.º desenhador de imprensa a ser reconhecido «lá fora»), Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Natália Correia, Amália, Vergílio Ferreira, Saramago e António Lobo Antunes. Esta faceta transparece também na escrita humorística e biográfica, destacando-se a biografia de Leal da Câmara (que considerava uma das referências da cena lusa, junto com Bordalo) e na direcção editorial, com uma *Antologia poética* dedicada ao seu pai, prefaciada por Mário Cláudio. ● Continuará a publicar desenho satírico (sobretudo político) no *Extra*, *Diário de Notícias* (com colaboração regular nos anos 1980), *O Biscão* (1983/4), *Pasquim* (1985), *O Jornal, JL*, *Jornal do Fundão*, *Mais*, *Opção*, *Pão com Manteiga*, *Combate* e *Cadernos do Terceiro Mundo*. ● Em 1987, ganha o Prémio Stuart e tem uma grande retrospectiva, Viagem ós Amares da China, em Vila Real. Já nos anos 1990, esteve em várias mostras individuais e colectivas, (nestas destacando-se o Salão Nacional de Caricatura e o Cartoon Xira, de balanço anual com António, Cid, Sam e Maia), e torna-se colaborador assíduo do novel jornal *Público*, até ao seu afastamento forçado em 2007. Neste jornal ilustraria uma coluna de crónicas de Rui Cardoso Martins, *Levante-se o réu*, em torno de casos judiciais, posteriormente transpostas para vários livros. ● De então para cá, realizou mais exposições individuais, sendo de realçar as retrospectivas *Vasco: desenhos satíricos 1955-2000* (Museu Nacional de Imprensa - MNI, 2000), «*Ena pá... Cá está ele outra vez!*» (Museu Bordalo Pinheiro, 2019) e *Vasco Preto no Branco* (Museu do Trabalho de Setúbal, 2021), e a de *Retratos literários de Vasco* (também no MNI, em 2003). Esta última série fora concebida para integrar o guia de leitura da colecção de livros Mil Folhas (do jornal *Público*, 2004), assim retomando o *retrato* de escritores da literatura universal, incluindo 6 portugueses. Em 2001, lançou o jornal satírico *online* Vascosatiri.com, junto com os jornalistas António Melo, Fernando Carneiro, José Sousa Monteiro e Rogério Rodrigues. ● Está representado em antologias e enciclopédias sobre humor e/ou desenho satírico, incluindo na célebre colecção Anthologie Planète. Tornou-se sócio-correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes em 1992. Recebeu várias consagrações, incluindo o Prémio Stuart Carvahais, do município natal, em 1987. ● Morreu a 11 de Julho de 2021, de doença prolongada. ●





[Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís, António Lobo Antunes e Maria Velho da Costa], s/ d, tinta da china sobre papel, 21,3 x 30,9 cm (col. EGEAC/Museu Bordalo Pinheiro).

1. Paris, cidade-luz (os antecedentes)

Não é possível compreender o Vasco cronista da revolução de 1974/75 sem recuar à sua formação utópica e libertária na Paris dos anos 60/70. ● Após passar a década anterior na capital do último Império europeu, Vasco sente que os horizontes nacionais são estreitos demais e abraça um duplo exílio, político (enquanto desertor do Exército) e cultural, para se libertar do rame-rame desenxabido das tertúlias lusas e misturar-se com os artistas (sobretudo franceses) que admirava. ● Com o seu talento e empenho, consegue integrar a nova geração do desenho satírico da capital francesa, publicando nalguns dos seus principais jornais e em periódicos especializados. O trabalho desta geração sai da imprensa para as galerias, os catálogos e as enciclopédias, como a Anthologie Planète. Vasco também se dedica à pintura e incorpora novidades das artes plásticas no desenho satírico, em especial da «pop» francesa. ● A concepção de vida e do mundo de Vasco faz confluir ideias, criação e acção, que se afirmam plenamente na Cidade-luz, no seu envolvimento na União dos Estudantes Portugueses em França (que cofunda em 1961), no Maio de 68 (via Comité de Liaison Ouvriers Étudiants Portugais, indo até aos *bidonvilles* com Sérgio Godinho, José Mário Branco e outros) e em organizações esquerdistas de exilados. ● Enquanto *cartoonista* tem uma actividade mais intensa no pós-Maio de 1968: lança a *IX* (1969), cofunda o Prix du Dessin Abject (atribuído a Tim, *cartoonista* no *L'Express*) e investe no *cartoon* anti-Franco, com uma tal ferocidade que suscitaria represálias sobre antifranquistas do grupo que o publicara, o Ruedo Ibérico, então apoiado pelo icónico livreiro-editor François Maspero. ● Cria ainda duas editoras: a Éditions Trait Tiré (1969-73), para promoção de portefólios de desenhos satíricos do próprio (de 1970-72) e de amigos; e a Éditions le champ du possible (de 1973, para edição política e de escritores e artistas revolucionários). ●

2. Lisboa, cidade rubra

O 25 de Abril de 1974 foi um chamamento para Vasco, ele que tinha passaporte falso e ordem de expulsão de França desde 1964. A 30 de Abril regressa a Lisboa, após 13 anos de exílio. Um renovado empenho cívico pessoal é logo acompanhado por fulgurante e efémero ardor revolucionário. ● O seu fervilhante registo gráfico dos mil dias revolucionários pode ser interpretado segundo 4 critérios principais. O 1.º remete para um ajuste de contas com os passados e presentes ditatoriais (com os tiranos Salazar, Franco e Pinochet à cabeça), aprofundando a animalização de Franco na *Cuadernos Ruedo Ibérico* dos idos de 1970-72. O 2.º é a oposição entre a esquerda revolucionária e o resto, e tanto pode ter uma

representação mais metafórica (capitalistas vs. operários), como real (incluindo dirigentes políticos). O 3.º é a exaltação do herói colectivo, patente na pose viril de operários, camponeses e soldados. Em raro desenho fazem até parilha com o emigrante, numa amplificação da «aliança Povo-MFA» sublimada por João Abel Manta. Finalmente, um 4.º critério assume exclusivamente a crónica de acontecimentos, posicionamentos ou actos de dirigentes ou grupos políticos e sociais. Oscila aqui entre a denúncia, a crítica e o elogio. ● Nesta fase espraia-se pelo *Sempre Fixe* (2.ª série), *República*, *A Capital* e *Diário de Lisboa*, e, sobretudo, envolve-se no jornal *página um* (1976-78), de que será o principal desenhador e chefe de redacção. Retoma também a vertente de dinamizador, organiza a exposição «8 desenhadores satíricos de Paris» (Gal.ª Opinião, 14-30/8/1974), mostrando-se a si e a alguns dos seus amigos e nomes cimeiros franceses. Como Siné, que também mergulha na revolução portuguesa. No final de 1974, Vasco lança o álbum *Desenhos políticos*, assumindo-se plenamente enquanto cronista engajado da revolução, de par com outro grande cartoonista, João Abel Manta. ●

3. O mundo é uma aldeia

Usa dizer-se que as revoluções devoram os seus filhos e esta não foi excepção. À revolução de 1974/5 e ao estertor das lutas do «poder popular», por volta de 1978, segue-se a ressaca e o regresso de Vasco à ânsia utópica e ao apuro artístico. Em 4/1978, para romper com a sensação de sitiado no próprio país, expõe de novo na galeria Opinião e lança o álbum respectivo, *Situações, faces & formas. Desenhos 1965-1978*, em jeito de virar de página e de balanço duma fase mais esteticamente e politicamente engajada. O álbum foi publicado pela Cultarte Editora, chancela da Ulmeiro, numa tiragem de 2500 exemplares (terá 2.ª ed. pela Ulmeiro nos anos 90). Esse ano de 1978 assinala, assim, uma nova ruptura estética, agora pró-linha anglo-saxónica, de expressionismo gráfico (via Ralph Steadman), que depois desenvolverá em mostras e catálogos sobre Pessoa (1981-85 e 2012) ou sobre os amigos políticos de Mário Soares (1984), mas também em cartazes e na pintura, nesta influenciado também por Bacon. ● Em 1983, opta pelo exílio interno em Fontanelas (aldeia do concelho de Sintra), por desejo de recolhimento e sentimento de incompreensão artística. Aí ficará até ao final dos seus dias. Na aldeia vizinha de Gouveia conviverá com o escritor Vergílio Ferreira, que aí tinha uma casa, de meados de 1980 em diante. Dessa relação prolongada resultará uma admiração mútua, plasmada em textos do escritor dedicados ao artista (a crítica a exposição pessoana de Vasco inserta na *Conta-corrente* de 1987 e no romance *Na tua face*, de 1993) e em caricaturas e textos de Vasco dedicados a Vergílio publicitados em álbum de 1985 (*Foto/maton*) e em mostra de 2016 (no Museu Abel Manta). No texto do seu diário de 1985, a propósito dessa mostra pessoana, Vergílio dirá ser Vasco “um dos maiores e incisivos comentadores pela imagem do nosso mundo

político e cultural”. E isso porque, a caricatura em Vasco não visava rebaixar figuras como Pessoa, mas sim humanizá-la, pois que “desorganiza o modelo na sua pompa”, retirando-lhes assim a condição de ídolos e a apetência para a idolatria. ● Nesta fase continuará a publicar desenho satírico (sobretudo político) no *Extra*, *Diário de Notícias* (com colaboração regular nos anos 1980), *O Bisnau* (1983/4), *Pasquim* (1985), *O Jornal*, *JL*, *Jornal do Fundão*, *Mais*, *Opção*, *Pão com Manteiga*, *Combate* (a convite do designer Jorge Silva) e *Cadernos do Terceiro Mundo*. ●

4. Artes & letras (e história pátria)

A inspiração literária começa precocemente, ainda adolescente, sob inspiração camiliana, e afirma-se plenamente no exílio parisiense. Aí, e paralelamente à sua investida zoomórfica, que atinge políticos espanhóis e franceses (de que se falou antes), produz uma série de retratos/ caricaturas de escritores então em voga no mundo, além de músicos como Jimmy Hendrix. ● Em Portugal, só depois da ebulição política retoma essa via, já nos anos 1980, mas agora incidindo sobretudo em figuras gradas das artes & letras lusas (e também da imprensa, política e desporto). Camões à parte, podemos dividir esse friso em 3 grupos: os grandes escritores oitocentistas (Bocage, Herculano, Antero, Camilo, Eça), autores modernistas (Leal da Câmara, Pessoa, Almada, Sá Carneiro, Stuart e Júlio Pomar) e contemporâneos (como Amália, Natália Correia, Luiz Pacheco, Vergílio Ferreira, Cardoso Pires, Saramago, António Lobo Antunes, Maria Teresa Horta, Graça Morais, Alberto Pimenta e Lídia Jorge). Esta faceta transparece também na escrita humorística e ‘biográfica’, destacando-se o perfil biográfico de Leal da Câmara (que considerava uma das referências da cena lusa) e na direcção editorial, com uma *Antologia poética* dedicada ao seu pai, prefaciada por Mário Cláudio. No álbum *Foto/maton*, profusa galeria de vultos lusos lançado em 1986, também se destacam jornalistas (p.e., Norberto Lopes, Carlos Pinhão, Mário Zambujal e António Paulouro), encenadores, cenógrafos, cineastas e actores (p.e., Mário Viegas, Mário Alberto, Fonseca e Costa, Fernando Lopes, João Botelho, Henrique Viana, Raul Solnado e Lia Gama). Esta obra combina caricatura com perfis dos retratados pelo próprio Vasco, numa selecção de 36 perfis entre c. de 300 que fizera em 1982/3 para uma revista ilustrada. ● Trata-se duma visão literata, mas não só: há também uma revisitação crítica da história pátria, patente no facto de vários desses escritores (e outras figuras da cultura) terem sido também historiadores e/ou políticos (como Herculano e Antero), opositores anti-salazaristas (como Palma Inácio, Maria Belo e António Paulouro) ou terem uma forte reflexão sobre a identidade nacional (casos ainda de Pessoa, Saramago e Lobo Antunes), além de também haver uma leitura crítica duma certa perspectiva messiânica (retrato de D. Sebastião manchado de sangue), ufanista (p.e., no *cartoon* com Mouzinho de Albuquerque e Gungunhana) ou nostálgico-passadista (a crítica implícita na série do catálogo *Vida e obra exemplares de Fernando Pessoa*, de 1985). ● Tal prisma é reforçado nos anos 2000 com um regresso aos vultos da literatura universal. Dos estrangeiros, realce para Eco, García Marquez, Amado, Hemingway, Simenon, Steinbeck, Calvino, Bulgakov, Levi, Woolf, Duras, Faulkner, Pavese, Orwell, Tabucchi, Mann, Yourcenar, Kafka. Nos lusos, surgem Saramago, Lídia Jorge, Álvaro Guerra, Mário de Carvalho, Luísa Costa Gomes e João de Melo. Esta produção foi divulgada primeiramente na exposição *Retratos literários de Vasco* (no Museu Nacional da Imprensa, em 2003), com patrocínio do jornal *Público*, e depois no guia de leitura da colecção de livros Mil Folhas (do mesmo jornal, 2004), para o qual concebera essa série, totalizando 31 ilustrações. ● Contudo, a linha directamente política persistira e houve até uma recuperação de políticos franceses, agora numa toada não ácida– em foco o círculo do estadista François Mitterrand, amigo de Soares e de Vasco desde os anos 1960– através do livro *Soares, Portugal e a liberdade* (Moraes, 1984). Isto quanto ao ‘retrato’ mais propriamente dito. ● Após as mostras dedicadas a Pessoa, Soares e o friso do *Foto/maton* tem uma grande retrospectiva, *Viagem ós Amares da China* (acompanhada

pelo Prémio Stuart, ambos em Vila Real, 1987). Nos anos 1990 participa em várias exposições individuais e colectivas, nestas destacando-se as de balanço anual com António, Cid, Sam e Maia (o Salão Nacional de Caricatura e o Cartoon Xira) e a magna *20 anos de democracia satírica: Mário Soares visto por caricaturistas*, realizada no Palácio de Belém em 1995 e que contou com a nata do *cartoon* português de então. Estas mostras (e muitas outras) tiveram por detrás Osvaldo de Sousa, jornalista, curador e historiador especializado no humor gráfico. Realce ainda para a sua participação na *Karikatur Europäische Künstler der Gegenwart*, mostra internacional de desenho satírico coevo no prestigiado Wilhelm Busch Museum (Hannover, 1992). Nessa década Vasco torna-se ainda colaborador assíduo do novel jornal *Público*, até ao seu afastamento forçado em 2007. Neste jornal ilustrará uma coluna de crónicas de Rui Cardoso Martins, *Levante-se o réu*, em torno de casos judiciais, posteriormente transposta para vários livros. E retorna aí em força ao *cartoon* político, como bem ilustra a série exposta em torno dos governos e/ou presidências de Cavaco Silva, Guterres, Sócrates, Mário Soares e Sampaio. ● De então para cá, realizou mais exposições individuais, sendo de realçar as retrospectivas *Vasco: desenhos satíricos 1955-2000* (Museu Nacional de Imprensa - MNI, 2000), «*Ena pá... Cá está ele outra vez!*» (Museu Bordalo Pinheiro, 2019) e *Vasco Preto no Branco* (Museu do Trabalho de Setúbal, 2021), e a de *Retratos literários de Vasco* (também no MNI, em 2003). Esta última série fora concebida para integrar o guia de leitura da colecção de livros Mil Folhas (do jornal *Público*, 2004), assim retomando o *retrato* de escritores da literatura universal, incluindo 6 portugueses. Em 2001, lançou o jornal satírico *online* Vascosatiri.com, junto com “Leitor Devidamente Identificado” e os jornalistas António Melo, Fernando Carneiro, José Sousa Monteiro e Rogério Rodrigues. ● Complementará essa criação com uma reflexão escrita feita de cumplicidade utópica e exigência lúcida: no *página um* (p.e., a série de 10 textos dedicada à “sátira política na imprensa”, de 1976/7), em *Montparnasse, mon village* (1985), livro de crónicas originalmente publicadas pelo *Diário de Notícias* (e atualizado em 2008) e *Foto/maton* (1987), livro de crónicas originalmente saídas na revista *Mais*. Publicou também um livro dedicado a *Leal da Câmara* (2006), por considerá-lo mestre da caricatura lusa (ao lado de Bordalo Pinheiro). Curiosamente, tinha começado a publicar sobre Leal da Câmara já em 1982 (no *Diário de Notícias*), destacando-lhe já então a sua projecção internacional. ●

5. Auto-retratos

A reflexão sobre a arte e outros artistas é também um modo do autor se ver ao espelho, de reflectir sobre a sua própria prática e condição artísticas, e Vasco fez isso por várias vias. Também fez muitos auto-retratos literais, tanto em desenho como em pintura. ● Na *polis* idealizada por Vasco, que cruza arte e política, cabe tanto o auto-retrato do artista na sua *vanitas* esplendorosa como o retrato do artista-boémio, do artista-Eros e do artista-obreiro no seu estirador de trabalho. Em vários auto-retratos Vasco fez-se figurar ao lado doutros artistas ou amigos que admirou, como Rafael Bordalo Pinheiro, Siné e Osvaldo Sousa. ● Desde o exílio que Vasco teve a preocupação de publicar catálogos das suas mostras individuais e colectivas, adoptando uma prática internacional então também em voga em Paris. Essa atenção ao registo memorial será prosseguida em Portugal, tendo ainda quase todos esses catálogos textos seus de reflexão, bem como a presente mostra. ● Nesta secção mostra-se também alguns retratos de Vasco feitos por amigos. ●

6. Multimedia

Exibidos excertos das reportagens “Das Artes e Ofícios” (RTP1, 1974) e “Cartoon em Portugal” (“Crónica Portuguesa”, RTP1, 1993) e ainda do documentário *Guerra ou Paz* de Rui Simões (2012). ●